

Nome: Zero Hora	Editoria: Artigos
Data: 29/04/2016	Página: 27



ARTIGOS

CHEGA DE COMPARAR DITADURAS

GABRIEL P. TORRES
Economista e associado do IEE



Avotação do impedimento de Dilma Rousseff na Câmara de Deputados obrigou o brasileiro a se olhar no espelho pela primeira vez em muitos anos. Além da incultura dos parlamentares, as manifestações dos mesmos mostraram algo ainda pior: apologias de autoritarismo à esquerda e à direita.

Começamos com Jair Bolsonaro (PSC-RJ), pré-candidato à presidência da República. Em meio a um processo embasado em legislação plenamente de acordo com o ordenamento legal, o deputado elogiou os militares de 1964. Não contente, o postulante ao cargo mais alto da República elogiou um notório torturador, o coronel Brillhante Ustra. Ustra foi comandante de um aparato estatal no qual se torturou e matou prisioneiros (algo ilegal até mesmo para as "leis" da época) e até hoje envergonha os militares honestos que honram sua farda sem jamais terem cometido tais atrocidades.

Tão ignóbil quanto isso foi o elogio de Glauber Braga

(Psol-RJ) ao criminoso Carlos Marighella. Marighella foi comandante de um grupo de esquerda que, durante a ditadura militar, matou, torturou e executou pessoas em nome da derrubada do regime. Seu objetivo não era uma democracia liberal, mas uma ditadura comunista.

É inaceitável que ainda sejamos reféns de uma retórica pedestre e reducionista

Esse sujeito merece elogios na Câmara dos Deputados? E não esqueçamos de Jean Wyllys (Psol-RJ), que cuspiu em um colega parlamentar durante a sessão por desgostar de sua piada.

É inaceitável que, 30 anos após o Brasil enterrar uma terceira ditadura, ainda sejamos reféns de uma retórica pedestre e reducionista. Discursos que tentam fazer crer que há

apenas duas opções: uma direita autoritária, tecnocrata e admiradora de torturadores, que pensa a sociedade como se fosse uma organização hierárquica; ou uma esquerda totalitária, virulenta e adúladora de assassinos, que imagina ter o direito de dizer a todos como devem viver suas vidas e o que fazer com o fruto de seu trabalho.

Há, no entanto, uma terceira opção que nunca teve tanta força quanto agora. Os brasileiros podem escolher representantes que defendam um país livre e próspero. Um Brasil no qual o governo não diz como você deve viver sua vida. Um governo que se preocupe com segurança, em aliviar a pobreza extrema e sair do caminho dos brasileiros para que eles possam melhorar suas próprias vidas a partir de suas próprias iniciativas.

Chega de defender ditaduras, de fazer contabilidades macabras sobre qual regime matou mais. Precisamos de uma nova política: sem Ustras, Bolsonaros, Rosários e Wyllyses e Guevaras.